

OS VÁRIOS BRASIS.

Os comentários feitos pelo nadador Bruno Fratus ao término da final dos 50 metros nado livre nas Olimpíadas de Tóquio escancaram uma dura realidade de nosso país, que diz respeito ao nosso sentimento a respeito de nós mesmos, de como nos vemos e como pensamos que somos vistos pela comunidade internacional. De fato, percebe-se que vivemos em um país com várias faces: temos o Brasil que cria impostos e legisla, outro que paga impostos e cumpre a lei, outro que descumpre e desvirtua as mesmas leis e ainda outro que vive à margem da lei; e talvez tenhamos ainda outros, como aquele composto por miseráveis e esquecidos e também aquele que não liga nem se preocupa com os demais. E todos esses “Brasis” coexistem no mesmo plano dividindo não expectativas, mas sim desesperança e algumas vezes desprezo.

A ideia de um só povo e de uma só nação, a nosso ver, existe apenas nos compêndios de ciências sociais e na mente de palestrantes ilustres que optam por inclinar-se para um lado ou para o outro, esquecendo-se que acima de tudo isso está um país continental não apenas em suas dimensões; nosso país é muito maior que isso, ao mesmo tempo que mostra-se incapaz de superar suas próprias diferenças sociais entregando-se à inércia e prostração que, algumas vezes, possui viés paternalista e em outras um típico anseio fatalista.

Um primeiro exemplo surge quando observamos o evento das Olimpíadas em que a grande parte dos esportes ali praticados são pouco conhecidos em nosso país não pela sua especificidade, mas sim pela ausência de interesse ao longo do intervalo de quatro anos entre os eventos. Não damos a merecida atenção para esses esportes assim como sequer nos preocupamos em saber as desventuras que cercam os atletas ao longo desses quatro anos sem patrocínio ou oportunidade. O caso do nadador Bruno Fratus, assim como o de César Cielo espelham a nossa realidade em que atletas de excelente desempenho são obrigados a treinar fora do país por absoluta falta de oportunidade, mesmo sabendo que algumas vezes clubes renomados decidam investir em algumas modalidades, muito embora a percepção de lucro/resultado fale muito mais alto.

O Brasil da falta de oportunidade coexiste com outro em que uns poucos tenham meios e oportunidades para seu próprio favorecimento, agindo à revelia dos demais, olhando para o próprio umbigo e gozando de benesses que quando observadas de perto denunciam sua origem espúria e também desonesta. Veja-se, por exemplo, o que acontece e Nárnica (leia-se: Brasília) onde conchavos, tramas palacianas e lobbies coexistem agindo como se nada mais existisse que não sejam seus próprios interesses, seu próprio favorecimento e suas próprias oportunidades.

Enquanto isso, no resto do país convivemos com miséria, desemprego, sistemas públicos sucateados ou simplesmente esquecidos, acordando todos os dias e lutando para sobreviver; ao lado estão os cidadãos pagadores de impostos que saem em manifestações públicas cobrando e exigindo providências sempre instigados por mídias sociais comprometidas consigo mesmas e também alheias ao que, de fato, acontece ao seu redor. São, portanto, vários países dentro de uma nação continental que tem um agronegócio respeitado, uma indústria em busca de eficiência, mas pouco compromisso social daqueles que foram eleitos para alavancarem esperança e permitir que se alcancem sonhos.

Somos constantemente submetidos a notícias enganosas e falsas informações que contribuem apenas para criar um certo clima de caos e de inconstância permitindo manipulações inescrupulosas e desvios de finalidade criando uma cortina de fumaça que deixa todos em plena desorientação¹. Não podemos duvidar da evidência de que, muitas vezes, certas informações existem, ou são criadas apenas com o intuito de confundir e não para explicar. Aliás, explicações são o que menos interessa aos detentores da informação que pode servir a interesses de qualquer um².

Veja-se, por exemplo, a crise ocorrida no estado do Amazonas no início do ano, quando a descontrolada propagação do vírus da COVID-19 alastrou-se entre a população colocando o sistema de saúde local sob efeitos de uma verdadeira catástrofe, inclusive com a escassez de oxigênio³. O acontecimento em si escancarou um cenário desenhado por uma burocracia ineficiente aliada a uma incompetência estrutural, onde os únicos a pagarem por ela foram os cidadãos com suas próprias vidas.

Torna-se, portanto, impossível crer que a CPI instaurada para apurar desvios ocorridos durante a pandemia possa, de fato, produzir algum efeito, senão o meramente político que interessa a vários Brasis, exceto àquele que, além de perder oportunidades, perdeu também sua vida ou de seus familiares. E não tenham dúvidas que será exatamente isso que acontecerá ao final de tudo. Mais uma vez estaremos nós, os cidadãos de segunda classe dentro de seu próprio território, sendo usados como massa de manobra eleitoral, com passeatas, manifestações e posts e mais posts que sequer sabemos sua origem, mas temos certeza de seu destino.

Em outra frente, neste Brasil em que vivemos, precisamos coexistir com a violência diária e o terror instaurado por organizações criminosas (leia-se: Primeiro Comando da Capital), cujas ameaças não permanecem apenas no campo da mera verborragia. Vejam o excerto abaixo:

“Se vocês continuarem oprimindo os companheiros aí mano e até mesmo qualquer um aí do cárcere de Pedro Juan, vai acontecer com vocês até pior do que aconteceu com o Juan Carlos. A gente vai atirar só na cara de vocês, para vocês aprenderem a não oprimir mais ninguém”, avisa o homem diante da tela de um celular onde aparecem escritos os nomes do Luis Esquivel, diretor da penitenciária e do chefe de segurança da unidade prisional, identificado apenas como Felipe. E o homem não para por aí.

“A gente vai pegar e vai matar até o cachorro de vocês, a gente tá mandando um salve aí. Vaza daqui mano, se vocês até pensarem em fazer até compra aqui, qualquer compra aqui, a gente vai empurrar vocês, vai queimar vocês dentro do carro de vocês então vocês parem de oprimir os caras aí no carcere de Pedro Juan, porque os cara não estão sozinhos não, mano, os cara não tá sozinho nunca na vida”, completa o integrante da facção enquanto engatilha uma arma. “A gente vai atirar só na cara....vai ser só caixão fechado”, reitera.”⁴

Então há de se perguntar: quem são as vítimas e quem são os algozes? Alguém teria dúvidas em supor que tal organização somente poderia frutificar com a ajuda de pessoas influentes e de prestígio em todos os segmentos da sociedade? E que sua estrutura poderia, muito bem, assemelhar-se a uma organização empresarial? Para termos certeza, leiamos o excerto abaixo:

“Se fosse uma empresa, o PCC seria hoje a décima sexta maior do país, à frente de gigantes como a montadora Volkswagen. Trata-se de um império corporativo em que os produtos são as drogas ilícitas. Os clientes são dependentes químicos. Os fornecedores são criminosos paraguaios, bolivianos e colombianos. Os métodos são o assassinato, a extorsão, a propina e a lavagem de dinheiro. As áreas de diversificação são os assaltos a bancos, o roubo de carga e o tráfico de armas. Apenas com a venda de drogas para o consumo no território nacional, a organização alcança um faturamento anual da ordem de 20,3 bilhões de reais, sem incluir as receitas com roubo de cargas e assalto a banco.”⁵

Notem que estamos falando de apenas uma facção, sendo certo que informações mais recentes dão conta da existência de, aproximadamente, duas dúzias de outras organizações criminosas, algumas aliadas ao PCC e outras suas rivais. Surge outra pergunta: Quem somos nós em meio a esse Brasil que é capaz de agregar centenas de milhares de integrantes e simpatizantes?

Temos ainda outro Brasil; aquele das mídias sociais recheadas de fake news cujo objetivo sempre flerta com interesses políticos, semeando dúvidas e discórdias para todos os lados; já se afirmou que o Partido Nazista que reinou soberano sobre a Alemanha e ameaçou toda a Europa ao longo de sete anos tinha tendências de esquerda (!), só faltando afirmar que o Império Japonês aliado da Alemanha e da Itália também tivesse tendências ao comunismo, juntando-se aos que são adeptos ferrenhos do terraplanismo⁶. Segundo o artigo *“Fake News e Pós verdade”*,⁷ apresenta-se quatro grandes causas para o crescimento desmedido desse fenômeno e que são assim listadas:

- 1) Descentralização da informação trazida pelas novas tecnologias de comunicação;
- 2) Ambiente de forte polarização política, que contribui para a difusão de notícias falsas para atingir o inimigo ideológico;
- 3) Crise de confiança nas instituições tradicionais favorecendo a autonomia das pessoas na busca pelas informações;
- 4) Fortalecimento de uma visão de mundo que relativiza a verdade resultado de mudanças socioeconômicas trazidas pela globalização que fragmentaram e flexibilizaram o modo de ver o mundo propiciando um pensamento mais individualista e imediatista.

Desta maneira, não há como se duvidar da expressão “Pós Verdade”, cunhada por Matthew D’ancona, autor do livro *“Pós verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news”*, para o qual o ano de 2016 marcou o início de um período em que os fatos são, cada vez mais desvalorizados, enquanto que paixões e crenças ganham força.

O termo pós-verdade já existe desde a última década, mas as avaliações do Dicionário Oxford perceberam um pico de uso da palavra exatamente no ano de 2016, no contexto do referendo de saída do Reino Unido da União Europeia – o Brexit – e das eleições estadunidenses. Além disso, é bastante usado com o termo política depois, então, pós-verdade política. Durante esses dois grandes eventos políticos, a pós verdade ganhou força através da massiva propagação de fake news na internet (afinal, as campanhas do Brexit e de Trump foram altamente digitalizadas, favorecendo a propagação de notícias falsas).⁸

Observem que esse fenômeno foi criado e desenvolvido com uma única finalidade: criar confusão, minando a confiança de público nos meios de comunicação e insistindo que se busque algo mais “concreto e adequado” ao interesse coletivo desde que eivado de paixão e crença, dando ao fato um desvalor que restringe seu grau de alcance. Esse é o Brasil que alimenta não a dúvida, mas sim a incerteza cuja repercussão na alma humana sempre é desastrosa!

Fica, então, a pergunta: que Brasil queremos para nós? Melhor seria afirmarmos que precisamos deixar de sermos apenas esforçados, levados pelas ondas e morrendo na praia; é preciso fazer algo mais que simplesmente seguir em frente acreditando que alguém sempre virá em nosso socorro; a exemplo do nadador brasileiro vencedor em Tóquio, precisamos encarar nossos oponentes, enfrentá-los sem temor. Greves, manifestações e passeatas podem ser um começo, mas precisam de alguma coisa mais.

Creio que carecemos de Fraternidade e não apenas de Solidariedade, já que esta última é passageira e fatalista; quando compreendermos que a Fraternidade é maior que tudo e que é capaz de unir de maneira coesa corações e mentes rumo a um objetivo que vise o bem-estar comum destituído de interesses particulares, eliminando a ganância, o oportunismo cobiçoso e as diferenças impostas apenas para nos distanciar uns dos outros, será nesse momento que encontraremos a nós mesmos.

- 1 <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/posts-distorcem-dados-de-2019-e-2020-para-negar-as-mais-de-100-mil-mortes-por-covid-19/>
- 2 <https://www.otempo.com.br/politica/maioria-apoia-cpi-da-covid-mas-avalia-que-ela-fara- apenas-teatro-diz-datafolha-1.2485418#>
- 3 <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/06/09/amazonas-ignorou-alertas-da-white-martins-seis-meses-antes-da- crise>
- 4 <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/pcc-ameaca-servidores-de-presidio-a-gente-vai-atirar-so-na- cara>
- 5 <https://www.politize.com.br/pcc-e-faccoes-criminosas/>
- 6 <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/o-que-e-oterraplanismo,977b20965968aa970c8f745951e76f983fslvt28.html>
- 7 <https://www.infoescola.com/sociedade/fake-news/>
- 8 <https://www.politize.com.br/noticias-falsas-pos-verdade/>